18.

Rua Simpatia 23
Vila Madalena – SP
05436-020

Origens

Um cianótipo se faz devagar, com sais de ferro espalhados à mão sobre o papel, luz, água e espera. Michael Naify acrescenta a esse processo uma viragem em café, na qual cada cópia fica mergulhada por algumas horas, e é nessa etapa que a imagem paga um preço: o azul da Prússia recua para tons de terra, o café tinge o papel e vela as altas luzes, o contraste cai, e uma parte do que o negativo distinguia se extravia sem volta. Foi com essa técnica, que entrega menos do que a película registrou, que o artista fotografou, entre 2018 e 2024, o Quadrilátero Ferrífero e os caminhos da antiga Estrada Real, em Minas Gerais.

Ferro e café não estão ali por acaso. Depois do ouro, foram as mercadorias sobre as quais a economia mineira se assentou, e o percurso começa justamente onde essa economia fez fortuna, na casa do Barão de Paraopeba, em Belo Vale. Naify fotografou os retratos de Romualdo José Monteiro de Barros e da baronesa Margarida Eufrásia, a mesa posta com porcelana de Limoges e, guardados na mesma propriedade, a máscara de flandres que impedia os escravizados da cozinha de comer, a tranca do tronco, uma gargalheira de ferro. O prato de rosas e a máscara perfurada pertencem ao mesmo inventário e, vistos lado a lado, dispensam comentário sobre a origem do que se servia àquela mesa.

Da fazenda o artista segue o ferro até um pátio de sucata em Contagem, onde o metal termina o seu ciclo e onde trabalha Milton, fotografado de frente, com a camisa impregnada de graxa. Há, nas portas dos armários de aço, recortes de mulheres nuas colados sobre a ferrugem, e há um urso de pelúcia preso a uma grade, sem que se saiba por quem nem há quanto tempo. Mais de um século e meio separa o retrato do barão do retrato do operário e, no entanto, o café os recobre com as mesmas manchas e os faz parecer contemporâneos, o que eles de certo modo são, porque a casa conserva a mesa posta e os ferros de castigo, o vestiário tem a idade dos seus armários, e a estação de minério de Brumadinho, com os trilhos vazios, está desativada.

Seria fácil chamar isso de pitoresco. O pitoresco, porém, precisa de um passado concluído para tornar amável a ruína, e aqui nada se concluiu, já que a mineração nunca parou, opera hoje em escala industrial e mantém parado tudo o que a cerca. O próprio fotógrafo se inclui nesse tempo sem saída quando abre a exposição com um autorretrato em que aparece, de máscara de porco e com um copo-de-leite na mão, diante da parede de uma mina.

A paisagem dá as datas. Em 1844, em Itabirito, a galeria da mina de Cata Branca desabou sobre dezenas de trabalhadores escravizados por uma companhia inglesa, cujos administradores dispunham ali perto de um cemitério próprio, vedado aos cativos, e Naify fotografou a boca dessa mina, hoje quase fechada pela vegetação. Em janeiro de 2019, em Brumadinho, o rompimento de uma barragem de rejeitos matou 272 pessoas, na maioria empregados e terceirizados da mineradora, e o que o artista trouxe de lá é a imagem de um resto retorcido no campo de rejeitos, do qual já não se consegue dizer o que foi.

É nesse resto indistinto que o processo e o lugar se encontram. Assim como a viragem retira à fotografia uma parte do que ela distinguia, a extração vem retirando ao território, morro a morro, as feições pelas quais ele se reconhecia, de modo que a paisagem de Minas chega a estas folhas duas vezes erodida, primeiro pela lavra e depois pelo café. O título, no plural, fala de procedências, a fazenda, a mina, o pátio de sucata, o campo de rejeitos, lugares de onde a riqueza foi e continua a ser retirada. Fala também de uma perda, porque um lugar que se desfaz deixa de responder por aqueles que nasceram nele, e a pergunta que as imagens acabam por devolver a quem as vê é a mais simples que a palavra origem contém. De onde somos?

Luiz Armando Bagolin